

A APLICAÇÃO ESPIRITUAL DO LIVRO “CÂNTICO DOS CÂNTICOS”

1. INTRODUÇÃO

Na Bíblia Sagrada, Cântico dos Cânticos é o único livro que se ocupa exclusivamente do amor. É um livro que incendeia o coração e a mente do leitor, e o leva a tirar conclusões muito sublimes e elevadas.

Após pareceres favoráveis e desfavoráveis quanto à inclusão do livro Cântico dos Cânticos no cânon sagrado do Antigo Testamento – por causa do seu conteúdo erótico –, o rabino Akiba comentou: *“Todos os escritos são santos; mas o Cântico dos Cânticos é o santo dos santos”*.

A solução para aceitar esse aspecto erótico do livro consistiu em interpretar-se o mesmo não em sentido literal, mas como uma alegoria. Essa interpretação tem prevalecido tanto entre os judeus como no cristianismo em geral.

Portanto, a pureza e a beleza do amor humano físico, como um dom divino, é o tema dominante do livro. O relacionamento natural entre um homem e sua esposa, que se amam, aponta no livro para a riqueza do amor humano, um pequeno exemplo do muito mais amplo, profundo e puro amor de Deus pelos que lhe pertencem.

Cântico dos Cânticos lembra-nos que o que sustenta todo o amor humano puro é o maior e mais profundo de todos os amores - o amor de Deus, que sacrificou a seu Filho para redimir os pecadores, e do amor do Filho de Deus que sofreu e morreu por sua esposa, a Igreja. Cântico dos Cânticos não é uma simples alegoria ou tipo, mas uma parábola do amor divino que constitui o pano de fundo e a fonte de todo o verdadeiro amor humano.

Na comunidade cristã, Cântico dos Cânticos é quase sempre entendido como descrição do interesse amoroso de Cristo, do amor que o noivo dedica à sua noiva, a amada igreja, e ao crente individualmente. Então, cada versículo é lido com olhos cristológicos, à procura daquilo que pode revelar, concernente a esse relacionamento. Muitos comentários populares seguem ainda esta abordagem de Cântico dos Cânticos, com aplicação tipológica a Cristo e à igreja praticamente em cada frase.

O objetivo deste estudo é mostrar que o livro, Cântico dos Cânticos, é a expressão do puro amor conjugal conforme ordenado por Deus na criação, demonstrando uma viva revelação do amor de Salomão, autor do livro, pela jovem Sulamita, a mulher preferida entre suas mulheres; uma revelação figurativa do amor de Deus pelo povo de sua aliança, Israel; e uma alegoria do amor de Cristo por sua esposa celestial, a Igreja.

2. INFORMAÇÕES ESSENCIAIS

2.1. Título do livro:

No hebraico, *Shir Hash-shirim*. Na Septuaginta, *Asma asmaton*. Na Vulgata Latina, *Canticum Canticorum*.

Dentro da Bíblia hebraica, esse livro é o primeiro dos cinco rolos (no hebraico, *Megilloth*), que eram lidos quando das festas religiosas judaicas. Os outros são: Rute, Lamentações de Jeremias, Eclesiastes e Éster. Geralmente tem o nome de *Cântico dos Cânticos* nas diversas versões, mas têm algumas versões que preferem *Cantares de Salomão*. A forma hebraica, *Shir Hash-shirim* é a forma superlativa (Cântico dos Cânticos 1:1), que significa “o mais excelente dos cânticos”.

2.2. Autoria:

Muitos eruditos modernos rejeitam a autoria de Cântico dos Cânticos por parte de Salomão. Eles preferem ver no livro uma coletânea de cânticos que celebrariam o amor pré-marital e marital.

Mas além da introdução editorial (Cântico dos Cânticos 1:1), o nome de Salomão aparece por seis vezes no texto do livro (Cântico dos Cânticos 1:5; 3:7; 3:9; 3:11 e 8:11-12). E o último trecho (Cântico dos Cânticos 8:11-12) refere-se de passagem às riquezas materiais desse rei. Além disso, o livro tem muitas semelhanças terminológicas com Provérbios e Eclesiastes (nem Eclesiastes nem Cântico dos Cânticos usam o nome divino Yahweh).

Concluimos, pois, que, devido às evidências internas e externas, devemos aceitar a autoria de Salomão que, tradicionalmente, tem sido dada a esse livro.

2.3. Propósito:

Este livro foi inspirado pelo Espírito Santo e inserido nas Escrituras para ressaltar a origem divina da alegria e dignidade do amor humano no casamento. Também se baseia na lição do puro amor conjugal para retratar a relação amorosa entre o Senhor e o seu povo: Israel e Yahweh no Antigo Testamento, a Igreja e Cristo no Novo Testamento. Nenhum livro da Bíblia expressa essa intimidade amorosa conjugal de um modo tão exclusivo como Cântico dos Cânticos. Os dois objetivos complementam-se admiravelmente.

2.4. Data:

Provavelmente no início do reinado de Salomão (entre 970 a 930 a.C.), muito antes de sua execrável poligamia.

2.5. Panorama:

Israel; em especial, o jardim da Sulamita e o palácio do rei. Não é fácil analisar o conteúdo do Cântico dos Cânticos. Ao invés de ele avançar de modo sistemático e lógico, do primeiro ao último capítulo, movimenta-se numa série de círculos interligados, que por sua vez giram em torno do tema central – o amor. Como cântico, tem seis estrofes ou poemas, cada uma das quais trata de determinado aspecto do

amor de noivado, ou do amor conjugal entre Salomão e sua noiva. O estado virgem da noiva é descrito pela expressão “jardim fechado” (4:12), e a consumação do casamento como entrar no jardim para colher seus frutos excelentes (4:16; 5:1). A maioria dos diálogos transcorre entre três tipos de personagens: a noiva (uma donzela sulamita); o noivo, o rei Salomão; e um grupo de amigas da noiva e do noivo chamadas “filhas de Jerusalém”. Quando a noiva e o noivo estão juntos, sentem-se plenamente felizes; quando estão longe, anseiam pela presença um do outro. O apogeu literário do Cântico dos Cânticos acha-se em 8:6-7.

2.6. Características especiais:

Quatro características principais assinalam Cântico dos Cânticos:

- 1- É o único livro na Bíblia que trata exclusivamente do amor especificamente conjugal.
- 2- É uma obra-prima incomparável da literatura, repleta de linguagem imaginativa; discreta, mas realista; tomada principalmente do mundo da natureza. As várias metáforas e a linguagem descritiva retratam a emoção, poder e beleza do amor romântico e conjugal, que era puro e casto entre os judeus, o povo de Deus dos tempos bíblicos.
- 3- É um dos poucos livros do Antigo Testamento de que não se faz referência no Novo Testamento.
- 4- Neste livro, consta apenas uma vez o nome de Deus (8:6), mas a inspiração divina permeia o livro, principalmente nos seus símbolos e figuras.

2.7. Pensamento chave:

Meu amado, o título que os cristãos dão a Cristo: “*O meu amado é meu, e eu sou dele; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios.*” (Cântico dos Cânticos 2:16)

3. INTERPRETAÇÃO DA SUA MENSAGEM

Nenhum outro livro da Bíblia (exceto, talvez, Apocalipse) recebe tantas interpretações radicalmente diferentes quanto Cântico dos Cânticos. Houve época na história da Igreja em que muitos escreveram sobre o Cântico dos Cânticos. Calcula-se que até o fim da Idade Medieval havia cerca de oitocentos comentários sobre o mais poético livro de Salomão. Isso se deve ao fato de que não há no livro qualquer tema especificamente religioso e central. Diversas abordagens do livro têm sido feitas, dentre as quais, podemos citar:

3.1. Interpretação alegórica:

A palavra “*alegoria*” nos vem da combinação de duas palavras gregas, *allos*, “*outro*”, e *agoreyō*, “*falar*”, ou “*proclamar*”. Encerra a idéia de “*dizer uma coisa que significa outra*”. Alegoria, em seu verdadeiro sentido, é uma metáfora estendida, e se for usada assim, será um recurso válido e útil. Entretanto, interpretar as Escrituras, *vendo em tudo alegorias*, é algo radicalmente diferente.

O método alegórico tem como ponto básico que determinada passagem não contém qualquer registro de fatos, nem é historicamente verdadeiro, não se refere a algum evento do passado, mas trata-se meramente de um veículo de alguma verdade espiritual mais profunda. Ignora-se propositalmente o significado gramatical-histórico do texto, de tal maneira que aquilo que o autor disse assume o lugar secundário, em relação ao que o intérprete deseja dizer.

Em relação ao livro Cântico dos Cânticos alega-se que, se o livro não oferecesse uma interpretação alegórica, não teria ganho lugar no Cânon. Além dessa alegação, afirma-se, e com verdade, que muitas escrituras usam a figura da imagem do casamento para significar as relações de Deus com seu povo.

3.1.1. Interpretação alegórica judaica – Foi adotada pelos rabinos e pelos pais da Igreja como sendo a única maneira de resolver os problemas associados à aceitação do livro no cânon das Escrituras. Para eles Deus seria o grande amante dos poemas, e Israel, seria a noiva, que receberia as demonstrações das misericórdias divinas. Na alegoria judaica, o autor do poema canta o amor de Deus ao seu povo escolhido.

3.1.2. Interpretação alegórica cristã – Às mãos dos cristãos, houve uma modificação na alegoria. A noiva passou a ser a Igreja cristã. De fato, isso transparece em certos trechos do Novo Testamento, como, por exemplo:

“Aquele que tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que lhe assiste e o ouve, alegra-se muito com a voz do esposo. Assim, pois, já essa minha alegria está cumprida.” (João 3:29)

“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo.” (Efésios 5:22-23)

“E luz de candeia não mais luzirá em ti, e voz de esposo e de esposa não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias.” (Apocalipse 18:23)

“E o Espírito e a esposa dizem: Vem! E quem ouve diga: Vem! E quem tem sede venha; e quem quiser tome de graça da água da vida.” (Apocalipse 22:17)

Foi Orígenes quem desenvolveu a interpretação alegórica clássica, sendo seguido por Jerônimo, Atanásio, Agostinho e muitos outros. A interpretação alegórica cristã do livro Cântico dos Cânticos é a que tem predominado no pensamento protestante. Muitos apresentam a seguinte súmula:

1- Capítulos 1 – 3 : O mútuo amor de Cristo e da sua Igreja;

2- Capítulo 4 : As graças da Igreja;

3- Capítulo 5 : O amor de Cristo para com a Igreja;

4- Capítulos 6 – 7 : A Igreja manifesta a sua fé;

5- Capítulo 8 : O amor de Cristo para com a Igreja.

3.2. Interpretação tipológica:

Muitos escritores e comentaristas não fazem distinção entre tipologia e alegoria; contudo, há uma clara diferença que precisa ser reconhecida. Enquanto a alegoria nega, ou ignora a historicidade, ou a realidade dos fatos do registro veterotestamentário, impondo, ao invés, um sentido mais profundo, oculto, e espiritual ao texto, a tipologia reconhece a validade do relato veterotestamentário, por seu próprio direito, e em seguida encontra nesse mesmo relato um elo paralelo, claríssimo, com algum evento ou ensino do Novo Testamento, de que o fato veterotestamentário se apenas sombra.

Sob esta luz, muitos comentaristas têm argumentado que a correta abordagem de Cântico dos Cânticos é a tipologia. A maioria deles rejeita a perspectiva anti-histórica do alegorista puro, reconhecendo o Cântico dos Cânticos como descrição real, embora não necessariamente “histórica”, de relacionamentos entre personagens existentes no livro.

O Novo Testamento não se refere a Cântico dos Cânticos sobre este aspecto, nem faz referência a este livro. Por outro lado, vários trechos básicos do Novo Testamento descrevem o amor de Cristo à Igreja sob a figura do relacionamento marital (II Coríntios 11:2; Efésios 5.22-23; Apocalipse 19:7-9). Daí, pode-se considerar Cântico dos Cânticos uma ilustração da qualidade de amor existente entre Cristo e a sua noiva, a Igreja. É um amor indiviso, devotado e estritamente pessoal, ao qual nenhum estranho tem acesso.

3.3. Interpretação cúltica:

Tem sido favorecida por alguns estudiosos à luz das liturgias do Oriente Próximo que comemoravam a morte e a ressurreição de alguma divindade. O amante do livro Cântico dos Cânticos seria um deus que morrera e ressuscitara, ao passo que sua noiva seria sua irmã ou sua mãe, que se lamentava por sua morte e saía freneticamente atrás de seus restos mortais.

3.4. Interpretação dramática:

A abordagem dramática do livro Cântico dos Cânticos surgiu quando começou a declinar o interesse pelas interpretações alegóricas, no começo do século XIX. O livro canta duas personagens principais, Salomão e uma donzela interiorana descrita como a sulamita. O livro contaria como Salomão a encontrou em suas rústicas cercanias e a trouxe para Jerusalém, onde, desposando-se com ela, aprendeu a amá-la com mais do que puro amor carnal.

3.5. Interpretação lírica:

Esse tipo de abordagem pensa somente que o livro consiste em uma coletânea de poemas líricos, sem qualquer conexão com a festa de casamento ou ocasiões festivas.

3.6. Interpretação natural:

É a chamada interpretação literal. Segundo este método, Cântico dos Cânticos é interpretado como os fatos parecem ser, naturalmente: uma série de poemas que falam, clara e explicitamente, a respeito de sentimentos, desejos, interesses, esperanças e temores de dois jovens enamorados – sem qualquer necessidade de alegorização, tipologia ou dramatização, a fim de fugir dos elementos claramente eróticos do texto.

3.7. Interpretação erótica:

É uma teoria de que o livro contém diversos cânticos independentes, em que na véspera do casamento a noiva executava uma dança a que dão o nome de “dança da espada”, acompanhada por um cântico em que se descreve a sua beleza.

3.8. Interpretação de Meck:

No parecer destes escritor, Cântico dos Cânticos seria originalmente uma obra litúrgica do culto de Tamuz-Adonis, em que o deus de Babilônia morria anualmente, enquanto a deusa descia ao inferno, morrendo também, pois a natureza toda morre no outono, para só ressuscitar na primavera. Cântico dos Cânticos representa, pois, na opinião deste crítico, o casamento dos dois deuses.

3.9. Interpretação de Waterman:

Sustenta esta teoria que o livro representa cenas do harém real de Jerusalém. Nesta cena, Salomão fala a uma jovem trazida de Suném para servir ao rei Davi. O livro contém discursos de Salomão à jovem, que a tudo resistiu e ficou leal ao seu amado pastor.

3.10. Interpretação de Theodoro de Mopsuéstia:

Este escritor foi condenado pelo Concílio de Constantinopla por insistir em que se trata de um caso de amor natural, interpretação natural do livro. Cântico dos Cânticos, portanto, celebra a dignidade do amor humano, e foi escrito para dignificar este amor e purificá-lo de muitas interpretações errôneas. Sendo o amor uma criação do Deus santíssimo, foi Deus que deu este livro para santificar e purificar este amor.

3.11. Detalhe a ser considerado:

Todas as interpretações, citadas acima, visam apenas dar aos leitores deste trabalho, uma compreensão do valor do livro que está sendo analisado, mostrando que se trata de uma obra de alto valor, independente da interpretação que se lhe queira dar.

4. APLICAÇÃO ESPIRITUAL DO LIVRO

Na interpretação e aplicação do livro Cântico dos Cânticos, faremos aplicações à pessoa de Cristo, assim como as poderíamos fazer à pessoa de Yahweh, no caso de interpretarmos o livro como o amor de Yahweh por Israel.

Mas talvez alguém possa questionar: Como poderia um homem que tinha um harém de mil mulheres ter por alguma delas um amor que merecesse ser um retrato do amor de Cristo pela Igreja? Vários dos homens piedosos do Antigo Testamento eram polígamos. Embora a Lei de Deus fosse contrária a isso desde o princípio, conforme Cristo afirmou de modo tão claro, para que na época do Antigo Testamento Deus condescendeu, em certa medida, com os costumes que prevaleciam. Os reis geralmente tinham muitas esposas. Era uma das prerrogativas e símbolos da condição social da realeza. E o grande afeto que Salomão tinha por essa belíssima moça parece ter sido genuíno e inconfundível. Além disso, ele era rei na família que iria produzir o Messias. E não parece impróprio que o seu casamento prefigure, em certo sentido, o casamento eterno do Messias com sua noiva. As alegrias desse cântico, em certo sentido, chegarão ao seu ponto culminante nas aleluias do banquete de casamento do Cordeiro:

“E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-poderoso, reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos. E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus.” (Apocalipse 19:6-9)

Além disso, a objeção de que um polígamo não poderia ter escrito esses cantares de fidelidade conjugal é a mesma coisa que fazer objeção à autoria salomônica de Provérbios, com base no fato de ter ele violado tantos dos seus princípios.

Partimos do princípio de que se o poeta canta o amor de Yahweh por Israel, então é uma profecia, como tudo mais no Antigo Testamento, em relação a Cristo, que é o fim de toda a revelação antiga. Portanto, daqui em diante, apenas para termos uma ligeira idéia da riqueza espiritual que se faz presente no livro Cântico dos Cânticos, faremos a aplicação de algumas partes do poema – especificamente o capítulo 1 –, no que ele se relaciona entre duas pessoas que se amam, para ilustrar o amor de Cristo pela Igreja. Cremos que, assim fazendo, não estaremos alegorizando a Bíblia, mas fazendo aplicações, o que é muito natural.

4.1. O melhor e mais sublime amor:

“Beije-me ele com os beijos da sua boca; porque melhor é o seu amor do que o vinho.” (Cântico dos Cânticos 1:2)

O vinho é alvoroçador, exalta quem o bebe e também é considerado como transmissor de alegria. Numa comparação sublime, o amor de Cristo é melhor que qualquer coisa na vida que satisfaça e anime. Os “beijos” do nosso Cristo são realmente mais gostosos que o vinho ou qualquer outra coisa

que faça a vida feliz. Se Cristo não beijava os discípulos é porque Ele é que merecia ser beijado, e o foi de um modo ou de outro.

O verdadeiro amor não pode estacionar; ele tem de aumentar. O amor Divino sempre nos cativará, apesar de todos os medos injustificados do nosso pobre coração.

4.2. A unção que eleva o espírito:

“Para cheirar são bons os teus unguentos; como unguento derramado é o teu nome; por isso, as virgens te amam.” (Cântico dos Cânticos 1:3)

O nome é a pessoa; a lembrança tem um efeito sobre o espírito, como o unguento sobre os sentidos, que inebria e eleva. O unguento deve ser comparado ao azeite da unção do Antigo Testamento, que tipificava o derramamento do Espírito Santo e que foi dado a Cristo, sem medida, para a obra da redenção. O bom nome do Amado era desejado pelas virgens, as acompanhantes da noiva, e misticamente representam os regenerados e santificados.

4.3. O ardente desejo pela comunhão:

“Leva-me tu, correremos após ti. O rei me introduziu nas suas recâmaras. Em ti nos regozijaremos e nos alegraremos; do teu amor nos lembraremos, mais do que do vinho; os retos te amam.” (Cântico dos Cânticos 1:4)

Poderíamos ficar satisfeitos em encontrar alguém sendo amado somente em público? Não, nós queremos estar com ele à parte, tê-lo exclusivamente para nós. Assim é com nosso Mestre: Ele toma Sua noiva – agora totalmente consagrada – à parte, para experimentar e desfrutar as intimidades sagradas de Seu maravilhoso amor. O Noivo da Igreja anela por comunhão com Seu povo mais do que eles anelam por comunhão com Ele.

4.4. A necessidade de consolo:

“Eu sou morena e agradável, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão. Não olheis para o eu ser morena, porque o sol resplandeceu sobre mim. Os filhos de minha mãe se indignaram contra mim e me puseram por guarda de vinhas; a vinha que me pertence não guardei.” (Cântico dos Cânticos 1:5-6)

Esta cor morena, segundo alguns intérpretes, representa a tristeza, algumas vezes, dos crentes aflitos pelos sofrimentos da vida, e que necessitam de consolo. A Sulamita, mesmo morena, tinha encantos que ela mesma reconhecia. Apesar de sermos limitados e imperfeitos, podemos pedir a Cristo que não olhe para as nossas imperfeições e limitações, mas, sim, para a sinceridade do nosso coração para com Ele.

4.5. O desejo de estar sempre com Cristo:

“Dize-me, ó tu, a quem ama a minha alma: onde apascentas o teu rebanho, onde o recolhes pelo meio-dia, pois por que razão seria eu como a que erra ao pé dos rebanhos de teus companheiros?”
(Cântico dos Cânticos 1:7)

O pastoreio era uma atividade altamente recomendável, e a Sulamita deseja saber onde estão os rebanhos do seu Amado. Ela não queria esperar até a tarde para o encontro com o Amado, e desejava saber onde ele apascentava o rebanho, para se encontrar com ele.

Os que querem encontrar-se com Cristo devem procurá-lo nos lugares onde ele se pode encontrar, e pelos meios que ele mesmo determinou, e não andar de religião em religião, como quem busca ovelha perdida. Deve procurá-lo com a ânsia com que Sulamita procurava o Amado. Para o crente, Cristo é o seu AMADO, e procura-o sempre, nas horas de calor e de frio. Não pode esperar até que tudo aconteça, para então encontrá-Lo.

4.6. A admiração de Cristo por Sua Igreja:

“Se tu o não sabes, ó mais formosa entre as mulheres, sai-te pelas pisadas das ovelhas e apascenta as tuas cabras junto às moradas dos pastores. Às éguas dos carros de Faraó te comparo, ó amiga minha. Agradáveis são as tuas faces entre os teus enfeites, o teu pescoço com os colares. Enfeites de ouro te faremos, com pregos de prata.” (Cântico dos Cânticos 1:8-11)

A resposta do amado parece ser uma ironia, desconcertante ao afeto da amada. Não é assim, todavia, conhecendo-se os costumes orientais, em que os homens podem dar respostas acres às mulheres sem com isso pensarem em ofendê-las. A palavra “égua”, por exemplo, indica beleza e garbo elegância destes animais bem tratados e vistosos.

Figurativamente, a Igreja tem todos os encantos espirituais necessários, mas Cristo tem ainda muito mais encantamentos para outorgar à sua Noiva. O Evangelho, além de ser uma dádiva divina, encanta a vida, e os crentes fiéis a seu Senhor são o encanto da sociedade, de modo que muitos não aceitam o Evangelho, mas são obrigados a reconhecer a superioridade da nossa vida.

4.7. A satisfação da Igreja por Cristo:

“Enquanto o rei está assentado à sua mesa, dá o meu nardo o seu cheiro. O meu amado é para mim um ramallete de mirra; morará entre os meus seios. Como um cacho de Chipre nas vinhas de Engedi, é para mim o meu amado.” (Cânticos dos Cânticos 1:12-14)

Esse trecho possui um significado espiritual tremendo. É na presença do Noivo (Cristo) e por Sua graça que fragrância ou beleza que possa ser encontrada em nós é manifesta. Dele como a fonte, por meio dEle como instrumento, e para Ele como sua finalidade, é tudo aquilo que é gracioso e divino. Mas Ele mesmo é muito melhor do que toda a Sua graça que opera em nós. Bom é quando nossos olhos estão saciados com a beleza dEle e nosso coração preenchido com Ele.

4.8. A satisfação de Cristo por Sua Igreja:

“Eis que és formosa, ó amiga minha, eis que és formosa; os teus olhos são como os das pombas.”
(Cânticos de Cânticos 1:15)

As pombas, pássaros domésticos, de suavidade e lindo porte, são um emblema da moça desejada e amada. Enquanto a noiva (Igreja) se deleita com a beleza do Noivo (Cristo), Ele contempla Sua própria imagem nela; ali não há nenhuma manha, tudo é formoso.

4.9. A promessa de descanso e segurança:

“Eis que és gentil e agradável, ó amado meu; o nosso leite é viçoso. As traves da nossa casa são de cedro, as nossas varandas, de cipreste.” (Cânticos de Cânticos 1:16-17)

Figurativamente, assim como Sulamita se sentia feliz junto do seu Amado, a Igreja encontra descanso e suavidade na pessoa do seu Amado Jesus, que lhe promete segurança e felicidade. Esta contemplação tem tudo de belo e real, em nossa contemplação do Amado Jesus, o esposo da Igreja.

5. A ESCATOLOGIA DO LIVRO

“Vem depressa, amado meu, e faze-te semelhante ao gamo ou ao filho dos corços sobre os montes dos aromas.” (Cântico dos Cânticos 8:14)

O livro termina com um apelo da esposa pela volta de seu esposo, “Vem, depressa, amado meu”, apelo este que dá a conotação escatológica do livro, e nos deixa claro três coisas:

5.1. A paixão da Igreja por Jesus Cristo:

“Amado meu”. Paixão é amor intenso. Amor que se dá sem medir as conseqüências. É exatamente o que a Igreja deve sentir por Jesus Cristo. Paulo escreve:

“Quem nos separará do amor de Cristo? Será a tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?” (Romanos 8:35)

Este amor intenso é o que Jesus reclama da Igreja de Éfeso, quando Ele diz:

“Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor.” (Apocalipse 2:4)

5.2. A pressa da Igreja pela volta de Cristo:

“Vem depressa”. A curta ausência do esposo parecia uma eternidade para a esposa, e, lendo os textos escatológicos do Novo Testamento vemos que a Igreja sempre teve pressa pela volta de Jesus. João descreve a pressa da Igreja nestes termos:

“O Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve diga: Vem...” (Apocalipse 22:17)

O apóstolo Pedro, ao escrever sua segunda epístola declara:

“Há todavia, uma coisa, amados que não deveis esquecer: que, para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia. Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam por demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.” (II Pedro 3:8-9)

5.3. A certeza da Igreja na fidelidade do amor de Jesus:

“Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura é o ciúme... As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado.” (Cantares 8:6-7)

Jesus prometeu para sua noiva celestial, a Igreja, “Certamente venho sem demora”, e, sem dúvida alguma Ele já está chegando. Ele vem para sua Igreja porque Ele a ama e a quer junto dele para sempre. Em sua primeira epístola à Igreja em Tessalônica, o apóstolo Paulo escreveu:

“Porquanto, o Senhor nosso, dado a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.” (I Tessalonicenses 4:16-17)

Olhando o livro Cântico dos Cânticos por este ângulo, ainda que não desprezando a sua historicidade, somos mais edificados na esperança da volta do Senhor. O apóstolo Paulo, quando alegorizou o amor de Cristo pela sua Igreja, no texto de Efésios 5:22-33, falando da submissão da esposa ao marido e do amor do marido pela esposa, declarou: “Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e a Igreja”.

Da mesma sorte, o misterioso livro Cântico dos Cânticos para muitos leitores desavisados, é o belo romance espiritual da Igreja, a esposa apaixonada, com Jesus, o esposo que está chegando para as “Bodas do Cordeiro”.

6. ILUSTRAÇÃO COMPLEMENTAR

O noivo representa a Cristo; a noiva a Igreja. Sendo assim, podemos ilustrar a comunhão espiritual entre a noiva e o noivo celestial da seguinte forma:

6.1. O noivo celestial:

- 1- Seu amor cobre todos os defeitos da noiva:

“Tu és toda formosa, amiga minha, e em ti não há mancha.” (Cantares 4:7)

- 2- Seu regozijo por ela:

“Porque, como o jovem se casa com a donzela, assim teus filhos se casarão contigo; e, como o noivo se alegra com a noiva, assim se alegrará contigo o teu Deus.” (Isaías 62:5)

3- Deu sua vida por ela:

“Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela.” (Efésios 5:25)

4- Virá reclamá-la como sua:

“Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo! Saí-lhe ao encontro!” (Mateus 25:6)

6.2. A noiva:

1- Ama ao noivo:

“O meu amado é meu, e eu sou dele; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios.” (Cantares 2:16)

2- Sente sua indignidade:

“Eu sou morena e agradável, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão.” (Cantares 1:5)

3- Tem sido purificada e vestida com vestes imaculadas:

“E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justanças dos santos.” (Apocalipse 19:8)

4- Adornada com as jóias da graça divina:

“Regozizar-me-ei muito no SENHOR, a minha alma se alegra no meu Deus, porque me vestiu de vestes de salvação, me cobriu com o manto de justiça, como um noivo que se adorna com atavios e como noiva que se enfeita com as suas jóias.” (Isaías 61:10)

5- Oferece os convites para as bodas:

“E o Espírito e a esposa dizem: Vem! E quem ouve diga: Vem! E quem tem sede venha; e quem quiser tome de graça da água da vida.” (Apocalipse 22:17)

6.3. A festa das bodas:

1- Preparada pelo Pai para o Filho:

“O Reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho.” (Mateus 22:2)

2- Preparações custosas:

“Depois, enviou outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas.” (Mateus 22:4)

3- O convite é uma grande honra:

“E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus.” (Apocalipse 19:9)

4- Os convites, desprezados por minutos:

“Porém eles, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, e outro para o seu negócio.” (Mateus 22:5)

5- Os convites incluem todas as classes:

“E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial ficou cheia de convidados.” (Mateus 22:10)

6- O fato de não usar roupas de bodas por descuido leva a sua exclusão:

“E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste nupcial. E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu. Disse, então, o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o e lançai-o nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes.” (Mateus 22:11-13)

7. CONCLUSÃO

“Eu dormia, mas o meu coração velava; eis a voz do meu amado, que estava batendo: Abre-me, irmã minha, amiga minha, pomba minha, minha imaculada, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, os meus cabelos, das gotas da noite. Já despi as minhas vestes; como as tornarei a vestir? Já lavei os meus pés; como os tornarei a sujar? O meu amado meteu a sua mão pela fresta da porta, e o meu coração estremeceu por amor dele. Eu me levantei para abrir ao meu amado, e as minhas mãos destilavam mirra, e os meus dedos gotejavam mirra sobre as aldravas da fechadura. Eu abri ao meu amado, mas já o meu amado se tinha retirado e se tinha ido; a minha alma tinha-se derretido quando ele falara; busquei-o e não o achei; chamei-o, e não me respondeu.” (Cântico dos Cânticos 5:3-6)

O livro Cântico dos Cânticos, quando olhado com “óculos espirituais”, nos mostram lições preciosas de relacionamento com Deus que não encontraríamos em nenhum outro lugar. Mas na maioria das vezes não damos importância a isso.

Creio que podemos resumir, toda a aplicação espiritual do livro Cântico dos Cânticos e os ensinamentos ele pode nos passar, afirmando que Deus está procurando uma pessoa, uma Igreja, uma cidade que irá ouvir Seu gentil batido e abrir a porta para Ele. As Escrituras continuamente ilustram o Senhor batendo nas portas tanto no Antigo como no Novo Testamento. Nós O vemos profeticamente, em Cânticos dos Cânticos, batendo na porta do coração de Sua Noiva, buscando a atenção de Sua Amada, a Igreja (5:2).

Mas o que temos visto é que, infelizmente a Amada prometida e Noiva de Deus se tornou muito confortável. Ele se recusa abrir a porta porque não é conveniente. O custo da intimidade parece muito alto (5:3). O desconforto disto tudo criou uma apatia que nos força a mover muito vagarosamente e casualmente quando nosso Amado bate na nossa porta. Subitamente cessam-se “as batidas” –

alarmados, nós finalmente nos despertamos como a preguiçosa noiva de Salomão. Quando finalmente correremos à porta para destrancá-la, tudo o que restou é a fragrância passageira de onde Ele estava (5:6).

Este é o triste estado da Igreja acomodada de hoje. A Igreja de Cristo tem crescido acostumada a viver na casa do Rei em sua ausência. Se ela retornasse à paixão e fome do seu primeiro amor, ela nunca estaria suficientemente contente a não ser que o próprio Rei estivesse presente com ela na casa. É como se ela estivesse dizendo ao noivo celestial: “*Estou com dor de cabeça. Além do mais, eu já tirei os meus sapatos e levante os meus pés! Eu tenho que abrir a porta para Você justo agora?*”. A demora da Igreja tem sido tão grande que ela só se dá conta quando as batidas divinas cessam (5:5-6).

Receio que se nós não abrirmos a porta quando nosso Amado bater, quando a Pomba do Espírito Santo se instalar, se permanecermos não desejosos em criar uma abertura para a glória de Deus entrar em nosso mundo, então num certo ponto tudo o que teremos é a fragrância de onde Ele costumava estar.

8. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, 887 p.

CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 3.^a ed. São Paulo: Candeia, 1995, 70-74 p.

DOCKERY, David S. *Manual Bíblico Vida Nova*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001, 411-414 p.

EATON, Michael A. & CARR, G. Lloyd. *Eclesiastes e Cantares; introdução e comentário*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1989, 183-184, 186-188 p.

ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. 1. ed. São Paulo: Vida, 2002, 198-207 p.

HALLEY, Henry Hampton. *Manual Bíblico de Halley: Nova Versão Internacional*. 25.^a ed. São Paulo: Vida, 2001, 290-291 p.

MESQUITA, Antonio Neves de. *Eclesiastes e Cantares de Salomão*. 1. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, 161,164,170-173

TAYLOR, Hudson. *Cântico dos Cânticos: o misterioso romance*. 1. ed. São Paulo: CCC Edições, 2002.

TENNEY, Tommy. *A casa favorita de Deus*. 1. ed. Belo Horizonte: Dynamus, 2002, 29-34 p.